

# APONTAMENTOS SOBRE O FUTEBOL BAIANO NO CAMPO DA GRAÇA NA DÉCADA 1920

Henrique Sena dos Santos<sup>1</sup>

## Apresentação

O futebol, principal prática esportiva no começo do século XX, surgiu na capital baiana por volta de 1901, tendo se estruturado a partir de 1905 com o surgimento das primeiras ligas de futebol. Neste intervalo de tempo, o jogo começou a ser praticado tanto pelas elites quanto pelos populares. Entre as elites os memorialistas costumam afirmar que Zuza Ferreira foi o seu introdutor. Filho de um banqueiro, Zuza, ao retornar de estudos na Inglaterra, trouxe consigo algumas bolas e um manual de regras e difundiu entre seus amigos. A partir de então o futebol passou a ser praticado nos principais bairros da cidade, principalmente no Campo dos Martyres no distrito de Nazareth. Este inclusive foi o palco das primeiras partidas de futebol devido a sua localidade em um bairro de elite.<sup>2</sup>

Já entre os populares, as primeiras evidências do seu envolvimento com a bola datam a partir de 1903 com a prática realizada nas ruas pelos ditos menores, vadios e vagabundos. Gradativamente as camadas populares também praticavam o futebol institucionalizado fundando clubes e ligas mais modestas.<sup>3</sup>

Com uma regularidade de partidas entre 1901 e 1904, em 1905 foi criada a primeira Liga de futebol na cidade somente com a participação dos principais clubes elitizados como São Salvador, Vitória e Internacional. O campeonato durou até 1912 quando devido a sua popularização deixou de ser realizado com o abandono dos clubes de elite no futebol institucionalizado. Entre 1913 e 1920 o futebol soteropolitano teve campeonatos mais populares com clubes modestos, além da realização de partidas amistosas por toda a cidade. A partir 1920 os clubes mais abastados retornam ao cenário futebolístico participando de uma nova liga de futebol em conjunto com clubes mais populares.

Entre as duas primeiras décadas do século XX o futebol se desenvolveu na cidade de um modo muito particular. Em um contexto de emergência de novas formas de lazer muito revestidas pela imprensa da época pelo ideal de modernidade e civilidade, o futebol acabou sendo uma prática passível de ser apropriada por jornalistas, profissionais liberais e educadores que passaram a pensar o jogo enquanto uma

atividade responsável por proporcionar a cidade novas sociabilidades e sensibilidades modernas e mundanas.

Todavia, até a década de 1920 a prática do futebol na cidade ocorria de forma relativamente precária. Apesar de desde 1905 Salvador ter contado com ligas de futebol, as partidas destas não raramente eram realizadas com pouca ou quase nenhuma estrutura. Isso incluía a existência de muitos campos em largos ou terrenos baldios, sem gramados, ou arquibancadas e também espaços públicos que nem sempre ofereciam conforto ou segurança para espectadores e jogadores.

Logo, não foram poucos os jornalistas e outros intelectuais que se queixavam das condições nas quais o futebol era praticado na cidade. Para estes sujeitos o esporte sem um espaço apropriado não teria como se desenvolver de um modo que viessem a cumprir os seus objetivos defendidos por alguns educadores e jornalistas: uma prática responsável por renovar o lazer dos baianos, bem como proporcionar uma regeneração racial a partir do desenvolvimento corporal.

Esta situação parece mudar substancialmente quando do surgimento do Campo da Graça em 1920. O estádio foi durante muito tempo o principal espaço para a prática do esporte constituindo-se em um lugar onde ocorreram os grandes eventos sociais e esportivos, como olimpíadas escolares, festivais esportivos, além de ser sede do campeonato baiano até 1951 quando foi construída a Fonte Nova.

Enfim, nosso objetivo neste texto é discutir em que medida a presença de um estádio de futebol dinamizou o futebol da cidade na década de 1920. A leitura de crônicas, editoriais, contos e charges de revistas e jornais nos permitiu perceber como o estádio foi visto pela imprensa, bem como quais sociabilidades e sensibilidades foram engendradas naquele espaço. Por fim, foi possível ensaiar uma discussão sobre de que forma as ideias de modernidade e eugenia muito em voga na década de 1920 influenciaram a constituição de sentidos do Campo da Graça.

## **O Campo da Graça**

A principal praça esportiva da Bahia até 1950 era situada na Graça, um dos centros da cidade e lugar de moradia de boa parte das elites. O estádio era uma construção moderna com arquibancadas cobertas, gramado e vestiários para os jogadores. Além disso, oferecia um estacionamento para automóveis que acabavam servindo enquanto camarotes para a assistência das partidas. Enfim, o Campo da Graça, do ponto de vista estrutural, oferecia atrativos nunca vistos antes o futebol de Salvador.

A idealização do Campo da Graça partiu de alguns membros das elites da cidade, sobretudo aqueles ligados aos clubes abastados, especialmente do Vitória, Bahiano de Tênis e Associação Atlética. Entre 1912 e 1920, os principais clubes elitizados de Salvador deixaram de participar de campeonatos de futebol das ligas existentes da cidade. De certa forma o abandono favoreceu a emergência de ligas modestas que sem a presença das agremiações elitizadas se tornaram nos principais certames então.

Em 1919 os clubes abastados resolvem então retornar a participação dos campeonatos de futebol na cidade, mas desejavam assumir uma centralidade quanto à organização dos mesmos. Como os clubes mais modestos é que lideravam a organização do principal certame, ao que parece as elites queriam com o Campo da Graça liderar a realização das Ligas de futebol em Salvador. Através do estádio, clubes como Associação Atlética e Bahiano de Tênis tentaram criar uma nova entidade a qual teria os seus jogos no novo estádio. Entretanto, uma nova Liga de futebol não foi criada e estas equipes acabaram integrando a entidade liderada pelas agremiações populares e passaram a disputar o controle daquela organização.<sup>4</sup>

Podemos imaginar que o retorno das elites aos campeonatos de futebol a partir de 1920 esteja associado ao contexto em que os esportes estavam inseridos naquele momento. No início do século XX o jogo de bola para as elites soteropolitanas era um espaço de novas sociabilidades e de reuniões de amigos. Já na década de 1920 o Campo da Graça e a participação dos clubes abastados parecem surgir em um contexto em que as elites não só desejavam acompanhar o desenvolvimento urbano da cidade, mas visavam inseri-la na associação com o esporte em uma nova conjuntura decorrente dos efeitos da Primeira Guerra Mundial. Para Nicolau Sevcenko, uma das consequências daquele conflito mundial foi requerer das pessoas:

(...) o seu engajamento físico, em condições que rompem com a rotina do cotidiano e o consenso dos hábitos e ideias. Só desse modo elas podem vir a desempenhar um papel ativo, integrando uma força coletiva que adquire assim uma corporeidade extra-humana. Nesse desempenho físico em que o corpo é a peça central, os agentes da “ideia nova” se expõem a um intenso bombardeio sensorial e emocional, que se torna a substância enérgica em si mesma da ação, não devendo, pela lógica da sua própria economia, se desdobrar em considerações reflexivas posteriores. Neste sentido, não é que a ação preceda o pensamento, mas mais do que isso, ela se nutre exatamente da abstinência dele.<sup>5</sup>

Para além de oferecer novas formas de sociabilidade e de convergência, os clubes esportivos e o futebol passaram a ser vistos não só pela imprensa como pelos próprios gestores, principalmente ligados à imprensa, como necessários a inserção da cidade em uma dinâmica de engajamento físico de desenvolvimento do corpo, de regeneração da raça, assumindo, portanto, um caráter eugênico e pedagógico. A guerra contribuiu para esta dimensão dos esportes, uma vez que para Sevcenko, “também nesse contexto é que as atividades atléticas tiveram o seu boom, compreendidas como um segredo militar para a adequada preparação das tropas”<sup>6</sup>

Apesar de na cidade o futebol existir desde o início do século XX, entre as elites letradas estes fenômenos eram mais pensados enquanto formas de lazer não necessariamente revestido de caráter pedagógico. Isso não quer dizer que naquele momento inexistiam discursos que pensavam o esporte enquanto uma atividade capaz do fortalecimento e regeneração física. Nos jornais a ideia de que o futebol civilizava a cidade também estava relacionada com o fato de que o esporte proporcionava o desenvolvimento do corpo. Entre alguns médicos, escritores e literatos também era presente este ideal. Em 1904, por exemplo, na Faculdade de Medicina da Bahia o médico Álvaro Reis em sua tese, defendia a importância da Educação Física através da prática do esporte:

Todo exercício físico deve ser acompanhado, para não ser monótono e enfadonho e ser satisfatoriamente realizado, de uma nota de prazer e interesse como caráter recreativo. Por isso jogo e os *sports* são de grande vantagem no aperfeiçoamento orgânico, na educação física, principalmente da mocidade.<sup>7</sup>

No entanto, em Salvador, até 1912, estes discursos quando associados com o esporte não eram comuns, diferente de outras cidades como o Rio de Janeiro onde nos anos 1900 já existia um pensamento que considerava o futebol e os esportes importantes para o fortalecimento e higienização do corpo.<sup>8</sup> Provavelmente na capital baiana esse discurso quando relacionado com os esportes não tinha tanta receptividade pela falta de uma cultura esportiva ou de uma estrutura que oferecesse um tipo de suporte. O próprio Álvaro Reis em sua tese chegou a afirmar que os benefícios do futebol de nada valiam quando praticado sem as condições materiais necessárias. Jogado em um campo de terra batida no Campo da Pólvora em 1904, “a cultura física não podia ‘chamar-se cultura da saúde do corpo, mas sim da ruína do corpo’”<sup>9</sup>

Já na década de 1920 em Salvador, há de se considerar que há uma recorrência maior de discursos que retratam um pensamento que via no esporte uma prática fundamental para o progresso da cidade, pois esta tinha condições de corresponder. Portanto, é possível que na capital baiana, o Campo da Graça surge em um contexto em que os sentidos do jogo foram ampliados.

Nesse bojo, no pensamento de uma elite intelectual, o Campo da Graça seria um demonstrativo do progresso da cidade. Não raramente encontramos referências positivas sobre o impacto da praça esportiva na cidade. Assis, um dos cronistas mais entusiasmados com o novo momento do futebol, sempre destacava em suas colunas o valor do Campo da Graça e do jogo para os soteropolitanos:

*O football venceu afinal.*

Na hora que corre ele está em pleno *zenith* da glória. Os trabalhos, os sacrifícios incontáveis, tudo isso que custou fazê-lo vencer, eu vejo largamente compensado pelo interesse geral, pela animação vibrante que enche as semanas e delas transborda para as apoteoses magníficas, no estádio, aos domingos.

Festas públicas? Matinês, intoleráveis matinês? Não as vê a cidade ou finge ignorá-las, que o cuidado das suas atenções, no lazer dos domingos, tem ela melhor onde aplicá-lo. O sol abrasa? Então, é encantador passear-se o olhar pela arquibancada. Variedades de cores, em vestidos talhados a capricho, como os sabem usar as baianinhas, emolduram corpos elegantes.

Chove? Nem assim amortece aos torcedores a vontade de torcer.

Ainda, domingo era agradável ver-se a assistência que rompera uma grande tempestade para aplaudir os feitos das cores suas simpatias.

*O foot-ball venceu e não morrerá mais!*

Assim não lhe falem o auxílio dos homens enérgicos e devotados, o concurso indispensável da mocidade que ama a educação física e, finalmente diria melhor e principalmente a assistência e os aplausos confortadores da mulher.<sup>10</sup>

Por conta da nova praça esportiva, a moda, os trajes e outros elementos que caracterizavam as sociabilidades do futebol intensificaram-se justamente pelas novas demandas e existência de um espaço apropriado. Por outro lado, o estádio, para a imprensa, se constituía enquanto um lugar que incentivasse as pessoas à prática de alguma atividade física. Alguns cronistas imaginavam que uma praça esportiva na cidade seria um estímulo ao cultivo do corpo. A vitória do futebol na cidade, através do estádio se dava não só por este ser um lugar de interação, mas principalmente por ser um espaço de demonstração da capacidade física e corporal da cidade.

É possível que a construção do Campo da Graça também tenha sido influenciada pelas reformas urbanas da gestão de José Seabra entre 1912 e 1916 que na construção da Avenida Sete, Avenida Oceânica ou na reforma da Rua Chile, desejava

fazer com que alguns espaços da cidade se tornassem lugares de convergência social.<sup>11</sup> Ou seja, os logradouros públicos não eram locais de passagem, mas de permanência. Daí a necessidade de uma reconfiguração dos espaços públicos para que comportassem lojas, sorveterias, cafés, praças ajardinadas entre outros elementos que distraíssem os transeuntes. Na esteira das intervenções urbanas, o estádio era uma construção pensada para ser um marco, uma referência na cidade que estimulasse as pessoas a interagir com o espaço urbano. A sua localização, no centro da cidade, na esquina das atuais Rua Catharina Paraguassú e Avenida Euclides da Cunha buscava favorecer a reunião de pessoas.

O progresso da cidade atribuído ao futebol e, conseqüentemente, ao novo ponto de encontro das elites soteropolitanas tem como uma de suas justificativas o fato que no estádio as mulheres poderiam participar mais intensa e confortavelmente do cotidiano do futebol. Para certos cronistas a presença das mulheres nas lidas esportivas era um parâmetro para constatar o suposto progresso da cidade:

#### **O prestígio do *Foot-ball* – Onde ele reside e como é mister argumentá-lo**

(...) O que quer que esteja e em qualquer companhia, não consentirei jamais que se fale na vitória do *Foot-ball* na Bahia, sem proclamar-se uma das suas causas, senão a sua causa fundamental: o prestígio feminino.

Sempre e em qualquer parte, quem quiser saber do grau de adiantamento desse ou de outro *sport*, compareça ao local onde se o pratica e, antes de reparar-nos que se defrontam, olhe bem a assistência, fixando em número e representação a presença feminina.

E quando notar que ela começa a escassear, não haja dúvida: está-se em decadência.

Que digam de verdade da influência da mulher no *sport*, os que frequentam as arquibancadas da Graça, notadamente nos dias de grandes jogos, e que se devem sentir felizes na companhia daquelas inúmeras e tentadoras figuras de beleza e graça.

O *foot-ball* na Bahia está em pleno apogeu, podemos concluir de cada um desses encontros.

Mas, como os nossos clubes vão progredindo cada vez mais, concorrendo com as suas sedes para o desenvolvimento social da cidade, eu penso que se pode e deve trabalhar por que esse movimento feminino aumente.

Agora mesmo 17 e meia de domingo, volto da Graça, de um jogo bem concorrido, e vejo passarem cheios e, principalmente, formosos, muitos automóveis e bondes e mais bondes.

Digam-me, por favor: O que será agradável: uma tarde excelente no Campo da Graça e, depois, o chá no Bahiano, um passeio à Atlética ou três horas de calor e mentira, portas adentro dos abafados e alguns até anti-higiênicos cinemas da cidade?

Positivamente, será comprar-se a luz com a treva, o desconforto, o tédio com a comodidade, a alegria de viver.

Patrícias minhas, que nada deveis às que mais se destaquem onde melhor possam aparecer, não deveis ignorar que no Rio, em São Paulo e nas principais capitais do mundo o cinema, aos domingos, é para a burguesia, que não o frequenta diariamente. O momento é do *sport*. As provas se multiplicam e a frequência lhes corresponde admiravelmente.<sup>12</sup>

Um maior envolvimento das mulheres no cotidiano esportivo estava consideravelmente ligado à existência um espaço para o encontro daquelas. Parece que o texto estabelece uma relação de causa de efeito: sem um espaço moderno não existiram as mulheres nos esportes. Sem estas, os esporte estaria em decadência e conseqüentemente a cidade. Ainda há tempo para o autor fazer um comparativo entre o lazer proporcionado pelo Campo de Graça e os clubes com os cinemas. Imbuído em uma mentalidade higiênica, própria daquele contexto, o autor entende que o lazer mais agradável é aquele que é experimentado em espaços abertos, onde o ar circularia livremente.

Neste sentido, uma tarde agradável no estádio e depois um chá no Bahiano seriam as opções de lazer mais ideais, ao contrário dos cinemas: lugares sujos, mentirosos, cheios e apertados. Finalmente, outra possibilidade de interpretação da preferência do estádio ao cinema é que no primeiro existe uma interação muito mais dinâmica entre o espectador e o espetáculo. Em alguma medida a atuação e comportamento dos jogadores também estavam condicionados às reações do público espectador. Já nos cinemas o público assumia, guardadas as devidas proporções, uma postura um pouco passiva, pois o espetáculo e os astros deste ficavam restritos a uma tela. Enfim, estar no estádio envolvia uma gama de sensibilidades que potencializava a relação público/espetáculo tornado-a interativa e bilateral.

Possivelmente a preferência do cronista em relação aos cinemas pode estar ligada ao fato de que os cinematógrafos nem sempre eram vistos com bons olhos. De acordo com Raimundo Fonseca, alguns “juristas e educadores faziam severas críticas, não o vendo como uma diversão moralmente saudável”, mas como a “casa dos vícios e das perdições, a nova escola do sensualismo.”<sup>13</sup>

Talvez pelas possibilidades múltiplas de interação entre os jogadores e público a existência de um estádio tornou-se tão marcante ao ponto de interferir no imaginário da cidade. Não raramente encontramos na imprensa, poemas e contos de situações fictícias em que o cenário dos acontecimentos era o Campo da Graça. Em “Torcendo”, poesia de Clara Luz, encontramos alguns indícios da expectativa por um lugar específico para o futebol.

Aos domingos de sol quente  
Quando a Tarde a terra abraça  
Vou sempre, apressadamente  
Trazendo um riso nos lábios,  
Torcer no Campo da Graça  
Pra esquecer os resabios

Entro... e vejo a todo instante  
Para alegria da vida  
Do almofadinha galante  
Em formas de Melindrosas  
Na arquibancada florida  
Surgirem flagrantemente rosas

Em tudo palpita e canta  
A mocidade e o Amor  
A tristeza até se espanta  
De ouvir tão francos sorrisos  
Passa ao longe, sem rumor  
Julgando o Campo um paraíso

Aos domingos de sol quente  
Quando a Tarde a terra abraça  
Vou sempre, apressadamente  
Trazendo um riso nos lábios,  
Torcer no Campo da Graça  
Pra esquecer os resabios<sup>14</sup>

No poema a autora reservou ainda alguns versos para os principais clubes da cidade, destacando nos seus versos as virtudes das agremiações e a beleza de suas torcidas.

O poema parece ilustrar o papel do Campo da Graça: um ponto de encontro, um lugar de intermediação de relações entre os seus frequentadores. Somos induzidos a pensar que o estádio oferecia opções de sociabilidade que se estendia para além da partida de futebol propriamente dito.

Inclusive, a possibilidade de estender uma relação que tinha início nas arquibancadas era um bom atrativo oferecido pelo Campo da Graça. Mais do que um lugar onde as pessoas iam assistir às partidas, o estádio poderia se tornar um lugar de encontro das elites soteropolitanas, onde poderiam, conversar sobre os acontecimentos da semana, discutir política ou estabelecer vínculos e alianças sociais..

Outras fontes apontam que uma parcela do público pouco estava interessada apenas nas partidas propriamente ditas, mas em ver as tendências da moda, encontrar amigos, flertar e, quem sabe, engatar um namoro ou romance. Uma das charges de Paraguassú, famoso cartunista da cidade, ilustra bem a indecisão de alguns torcedores em assistir o jogo ou a olhar as pernas das torcedoras:



### No intervalo



**Um espectador** – O nosso estádio é um succo (sic): ou apreciamos o movimento dos jogos ou, então, as torcidas das arquibancadas.

**Outro almofadinha** – Olhas bem para cima. Viste? Que belo exemplar, hein?

**O outro** – Calado! Apreciamos isto sem barulho, senão a direção nos cessará essa “distração” grátis. Compreendes? <sup>15</sup>

Esta charge também não deixa de ser indício que revela que muitas vezes o jogo de futebol não tinha nenhum interesse para alguns espectadores. Inclusive encontramos outras fontes como editoriais e contos em que os autores deixavam transparecer um certo incômodo com algumas pessoas que viam no estádio uma possibilidade de exibicionismo ou de ostentação de luxo. Um longo editorial publicado na revista *Semana Sportiva* um autor se queixava de algumas torcedoras que para se exibirem costumavam ir ao estádio com roupas caras e finíssimas o que para ele constrangia torcedoras mais modestas que deixavam de ir ao Campo da Graça por não terem roupas elegantes. Desta forma, o autor não deixava de lamentar o fato do estádio virar um espaço de auto-exibição da moda arrivista. Esperava-se que o Campo da Graça fosse um lugar de demonstração da capacidade física e racial da Bahia. Ao verem jogadores se enfrentando em uma arena com seus corpos musculosos e retesados alguns jornalistas

acreditavam que isso seria um estímulo para os cidadãos praticarem algum esporte e assim contribuírem para a regeneração racial da cidade.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no VI Encontro Estadual de História – Anpuh-BA, em 2012.

<sup>2</sup> Para uma análise dos primeiros anos do futebol soteropolitano ver: SANTOS, Henrique Sena dos. “*Pugnas Renhidas*”: futebol, cultura e sociedade em Salvador, 1901 – 1924. Dissertação (Mestrado em História), DCHF, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

<sup>3</sup> Sobre a relação das camadas populares com o futebol em Salvador, ver: SANTOS, Henrique Sena dos. Notas sobre a popularização do futebol em Salvador, 1901 – 1912. In: *Esporte e Sociedade*. ano 5, n.16, Nov.2010/Fev.2011.

<sup>4</sup> Sobre o retorno das elites e a disputa com as camadas populares pelo controle do futebol na cidade ver: SANTOS, Henrique Sena dos. “*Pugnas Renhidas*”: futebol, cultura e sociedade em Salvador, 1901 – 1924. Dissertação (Mestrado em História), DCHF, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

<sup>5</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 32. O autor discute com profundidade as consequências da primeira guerra na mudança das percepções culturais especialmente no terceiro capítulo.

<sup>6</sup> SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópole e desatinos. In: *Revista USP*, n.22, jun/agos. 1994, p. 33.

<sup>7</sup> REIS, Álvaro Borges dos. Educação física. Bahia: Litografia Reis e Companhia, 1904, p 57, *apud* PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 44.

<sup>8</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 42 – 55.

<sup>9</sup> REIS, Álvaro Borges dos. Educação física. Bahia: Litografia Reis e Companhia, 1904, p 91, *apud* PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *op.cit*, p. 60.

<sup>10</sup> *Revista Semana Sportiva*, Salvador, Nº 59, 20 de maio de 1922.

<sup>11</sup> Sobre as reformas urbanas promovidas por José Seabra conferir: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana*: Salvador, 1912-1916. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1996.

<sup>12</sup> *Revista Semana Sportiva*, Salvador, Nº 174, 1 de novembro de 1924.

<sup>13</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “*Fazendo fita*”: cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 -1930. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 179.

<sup>14</sup> *Revista Semana Sportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

<sup>15</sup> *Revista Semana Sportiva*, Salvador, Nº 79, 07 de outubro de 1922.